

MOACIR DA SILVA

Moacir da Silva nasceu em Olímpia, Estado de São Paulo, em abril de 1940. Filho de motorista e costureira, estudou na Escola Pública de sua cidade até o final do Curso Normal. Interessou-se ainda jovem pela área de Educação, nas aulas particulares que dava aos alunos em segunda época e no curso de alfabetização em que ensinava os colegas do Serviço Militar. Fez faculdade em São José do Rio Preto e Mestrado na USP/SP. Trabalhou na Escola Estadual Padre Anchieta, onde participou da criação dos cursos noturnos. Dirigiu a Escola Vocacional de Americana, onde participou de uma experiência marcante na renovação do ensino. Foi Inspetor e Delegado de Ensino, participou da elaboração do Estatuto do Magistério. Trabalha nas Faculdades São Marcos, onde já exerceu as funções de professor, reitor e pró-reitor. Desde 1981 é Coordenador Geral de Pós-Graduação das Faculdades Oswaldo Cruz.

Identificação

Meu nome é Moacir da Silva, nasci na cidade de Olímpia, interior de São Paulo, no dia 30 de abril de 1940; portanto, há algum tempo.

Origens

Nasci em Olímpia. É uma cidade pequena, perdida lá no oeste do Estado de São Paulo, quase divisa com Minas.

Família

O meu pai trabalhava como motorista de caminhão, tinha um caminhãozinho próprio e tinha um sítio também. Minha mãe era costureira, costurava para fora. Na cidade se diferenciava porque fazia roupas de homem para algumas lojas. Uma coisa interessante é que cada um de nós, 11 irmãos, assumia uma tarefa em casa. Tínhamos uma divisão. Geralmente, a minha era moer o café para o dia seguinte e aguar as plantas da horta.

Com oito anos, já tinha uma caixa de engraxate nas costas para ajudar na manutenção da casa. Ia assim na sorveteria mais importante da cidade e ficava lá engraxando; depois, passei a ser balconista nessa mesma sorveteria.

Trabalho

Quando fazia o ginásio, fui trabalhar na loja de calçados do meu irmão. Fui balconista lá e dava muita aula particular de matemática, principalmente, eu tinha uma certa facilidade.

Formação: Escola Primária

Em Olímpia fiz meus primeiros estudos, no Grupo Escolar Dona Anita Costa. Na verdade, antes de ir nessa escola, eu freqüentei uma classe da mesma escola, que funcionava num outro bairro. Fiquei alguns meses lá e depois essa classe foi transferida para o Anita Costa.

Íamos para a escola a pé. Na minha cidade não tinha ônibus circular. Era a pé mesmo.

Escola Primária: organização, currículo e métodos de ensino

De manhã iam os meninos para a escola, e à tarde as meninas. Não funcionava à noite. Não tinha curso noturno.

O tempo era dividido assim: a gente geralmente chegava e já tinha quatro problemas na lousa para resolver. Depois tinha aula de leitura, e tinha toda uma seqüência bem determinada que se repetia semanalmente.

Não tinha aula de Educação Física mas tinha aula de Religião. Era constrangedor porque a professora dizia: “Os alunos que não são católicos podem se retirar!”, e aí a gente ficava olhando aqueles que eram de outra religião e falava assim: “ Como ele não segue a religião?”

O método era bem tradicional. Usava a Cartilha Sodré, que fala "A pata nada". Tinha também a lição da macaca, do xadrez, da zabumba. A cartilha também tinha os desenhos. Um bem pequeno assim, logo no início da página, e depois vinham três, quatro frases, e depois as sílabas e a decodificação das sílabas: pata, pá, e depois pá, pé, pi, pó, pu.

Tinha um caderno de caligrafia, não sei se era na primeira, ou a partir da segunda série, que a gente usava. Era uma aula por semana. A professora falava que era para corrigir o traçado da letra.

Era sempre a mesma rotina, só a aula de caligrafia que era uma aula diferente. Tinha também a aula de Geografia, em que a gente era obrigado a fazer um mapa. Do Brasil ou do Estado de São Paulo, à mão mesmo, porque lá não tinha nenhum material que ajudasse. Depois outros instrumentos foram aparecendo, o próprio contorno do mapa, coisa que naquela época não existia.

Escola Primária: Material Escolar

Era só caderno, lápis e borracha, não tinha mais...

Escola Primária: Relação Professor-Aluno

A classe de alfabetização era pequena, acho que 35 alunos, mais ou menos. A professora era bem autoritária, gritava o tempo todo, que eu não entendia por que ela gritava tanto e batia com a régua. A gente ficava muito assustado.

A professora da primeira série marcou muito porque era muito autoritária, muito. Na terceira série nós pegamos uma professora que jamais suspendeu a voz para falar com os alunos, tinha uma relação muito interessante, muito boa, sem autoritarismo, embora usasse uma metodologia tradicional*.

Formação: Ginásio

Aí eu tive que fazer uma quinta série. O ginásio só poderia fazer à noite, pois aí eu trabalharia muito cedo. E tinha que ter 14 anos no mínimo, porque senão tinha que pedir um atestado de pobreza para o juiz. Nossa família não era paupérrima, mas era grande e lutávamos com dificuldade. Então fiz a quinta série para alcançar a idade de entrar no Ginásio.

Ginásio: organização, currículo e métodos de ensino

As aulas, assim, bem tradicionais. Com um livro didático que o professor seguia piamente. Dificilmente saía daquilo e me lembro assim que alguns se limitavam a sentar-se à mesa e ir lendo junto o capítulo de história ou de geografia, sem nenhuma utilização de materiais pedagógicos, por exemplo, de um mapa para situar. Em Geografia, usava o livro do_Haroldo de Azevedo todinho dividido assim: clima, solo. A gente dificilmente juntava as coisas.

Leituras

Eu lia muito. Na época do ginásio freqüentava muito a biblioteca e lia tudo o que a bibliotecária indicava. Ela fazia uma triagem, dizia que tinha livros que não eram permitidos que eu lesse, em função da idade. Mas eu li tudo: José de Alencar*, a coleção inteira; Machado de Assis*. E, de vez em quando, tentava pegar algum livro que ela dizia que não podia, pois não tinha 18 anos. Eça de Queiroz*, por exemplo, era proibido, e eu li porque, lógico, o que era proibido aguçava a curiosidade. Tinha um livro, "A Cidadela", que li e não descobri até hoje por que era proibido. Provavelmente porque trazia algumas cenas de orientação sexual.

Durante o Normal eu lia todo livro que conseguia pegar na biblioteca. Cheguei a ler a coleção inteira de Machado de Assis, Graciliano Ramos*, Fernando de Azevedo*, que nós tínhamos na aula de Sociologia. Então lia muito nessa época.

Escolha profissional

Dei aulas particulares de Matemática. O professor da escola era bem tradicional, fazia aquela demonstração dos exercícios e eu tinha uma certa facilidade em aprender aquilo. Então, tinha muitos alunos que ele reprovava, quase que 40%, 50% da classe. Naquele tempo tinha segunda época. O aluno que ficava reprovado em até duas disciplinas poderia fazer a segunda época, e então, nesse período, eu tinha muitos alunos particulares para trabalhar e fui pegando gosto pela coisa...

Formação: Curso Normal

Resolvi fazer o Curso Normal, primeiro porque, já ganhando um pouquinho com as aulas particulares de Matemática, tomei gosto.

Formação: Faculdade

Somente eu e um dos meus irmãos conseguimos chegar até à faculdade. O colégio era particular e, então, a família não tinha condições de arcar com os estudos depois do Primário para os outros. Assim, fizemos muito esforço para chegar à faculdade. Eu fiz em Rio Preto, num instituto isolado da USP. Foi uma

experiência muito interessante de ensino superior. A partir do segundo ano, eu, além de estudar, já lecionava num colégio de padre em uma cidadezinha próxima a São José do Rio Preto, Engenheiro Schmidt.

Ensinar na Alfabetização de adultos

E outra coisa interessante é que fiz o serviço militar enquanto fazia o Normal. Nos exercícios de tiro o sargento dizia: “Olha, tem que acertar o alvo!” Eu falava: “Mas com esse fuzil, sargento? E para quê matar?” Então ele me colocou para alfabetizar, já que eu estava no Normal. O sargento trazia alguns alunos semi-alfabetizados e pedia para alfabetizá-los, então. Eu trocava, assim, de atividade. Alfabetizar esses rapazes foi uma experiência muito interessante.

Geralmente levava algum texto que eles pudessem ir descobrindo o significado, até porque já eram adultos e, no geral, eles só sabiam escrever o nome. Havia muito interesse, eram uns cinco ou seis colegas.

Curso Normal: organização, currículo e métodos de ensino

As disciplinas perduraram durante muito tempo: Sociologia da Educação, Psicologia da Educação, Metodologia, Prática de Ensino...

Lá no Normal que eu fiz, naquele estilo currículo positivista, era tudo facetado, não havia nenhuma ligação entre as disciplinas.

Em Metodologia e Prática, a professora dava aulas em que ditava, do livrinho dela, os métodos de alfabetização. Existia no próprio colégio uma classe de cada série. Eram classes experimentais, onde a gente fazia o estágio e onde, de vez em quando, ela sorteava um ponto e a gente tinha que preparar uma aula para ministrar para essas turmas.

Eu lembro uma que dei sobre a divisão geográfica do Brasil. Tive que fazer um mapa na cartolina, levar para os alunos para mostrar os estados, as capitais, os territórios. Foi uma aula demonstrativa, que dificilmente se dava naquela época.

Não se enfatizava nenhum método de alfabetização. Aprendíamos o método dedutivo, o método indutivo.

Formação: Faculdade

Como eu fiz o Curso Normal naquela aspiração de ser professor de ginásio, concorri no Instituto de São José do Rio Preto, que é ligado à USP, para dar continuidade aos estudos.

Olha, a faculdade foi assim uma experiência muito interessante, porque, como era um Instituto isolado, um grupo de professores aqui da USP assumiu o desafio de, no interior, construir uma escola que tivesse o mesmo padrão de ensino da Universidade em São Paulo. E eles conseguiram, porque foi assim

uma experiência de inovação, de renovação do ensino superior. Tudo o que se apregoa hoje em termos de interdisciplinaridade, por exemplo, nós tivemos lá.

Faculdade: Organização, currículo e métodos de ensino

Só na faculdade é que além dos métodos dedutivo e indutivo e alfabetização é que a gente começou a descobrir o método chamado global.

Já se falava em interdisciplinaridade. Os professores de Sociologia, Filosofia da Educação, História da Educação, nos faziam trabalhar em torno de temas. Me lembro, por exemplo, um tema de Educação e Realidade Brasileira, em que cada professor procurava desenvolvê-lo de forma integrada.

Tínhamos, inclusive, naquela época, exames escritos e orais. Me lembro assim dos professores todos sentados no exame oral, a gente ia passando por cada um deles para verificar o que tínhamos aprendido de forma integrada em função daquele tema.

Na cidade do interior nós éramos considerados um foco de subversão muito grande. Nós líamos Marx, a gente discutia a realidade brasileira naquela época.

Há até uma tese do professor Milton Ramos, que hoje é professor da Filosofia de Araraquara, que fez um estudo sobre o Instituto Superior de Rio Preto, onde a Pedagogia era o curso mais importante, era o coração da Faculdade.

As aulas eram em período integral. De manhã tínhamos a disciplina, e a noite era reservada para seminário daquela disciplina. Por exemplo, em Filosofia, de manhã estudava-se os métodos, o método socrático ou Platão, e à noite a gente vinha discutir uma obra. Nós líamos “A República” de Platão e fazíamos uma discussão a respeito, associando à metodologia. E a preocupação deles é que, assim, desenvolvesse um senso crítico e um compromisso com a realidade.

Formação: Pós-Graduação

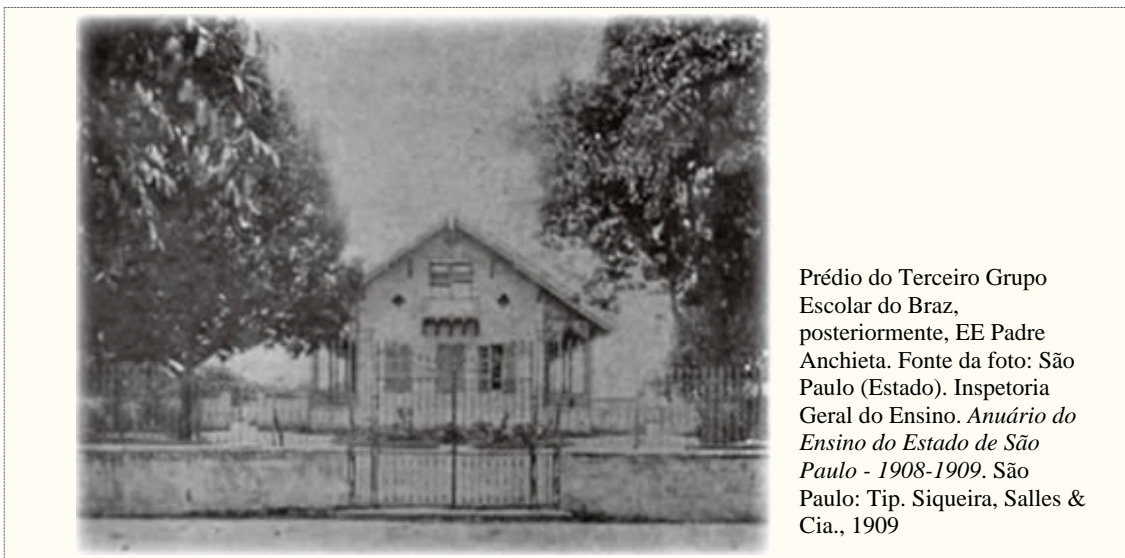
Então vim para São Paulo, queria dar continuidade aos estudos. Concorri a uma vaga no primeiro curso de pós-graduação na USP na área da Administração Escolar. Fiz a seleção, entrei e, para me manter, tinha que lecionar aqui em São Paulo.

Ensinar na Escola Pública

Fiz inscrição para lecionar na Caetano de Campos* e na Padre Anchieta. Essa era uma escola praticamente feminina. Fui selecionado para lecionar lá. Peguei uma carga não muito grande, fiquei só com as turmas da noite para poder fazer a pós-graduação na USP.

Inicialmente, a escola Padre Anchieta só funcionava no período diurno, então eu e mais um grupo de professores muito entusiasmados e com grande compromisso com a escola pública, com o povo brasileiro e com a sociedade, reivindicamos junto ao diretor que abrisse o curso noturno. Como havia

autonomia para fazer o regimento, ele reuniu o conselho de professores para votar a mudança. Nós fizemos um trabalho de articulação para que outros professores votassem a favor do curso noturno. Ele disse que, se vencesse a mudança, nós teríamos o compromisso de assumir as classes do noturno. E foi assim que a gente assumiu.



Houve uma grande mudança na escola com a abertura desse curso. Pela própria localização da escola, num corredor muito importante, Avenida Celso Garcia, em São Paulo, ela atraiu pessoas que trabalhavam no centro da cidade e que moravam nos bairros mais distantes da Zona Leste. Eles concorreram às vagas. No primeiro ano do Curso Normal, formamos onze turmas e depois formamos duas turmas de segundo e uma de terceiro, e mais uma de cada série do ginásio, porque o prédio lá é muito grande. Fiquei incumbido de fazer o horário: tinha mais de 90 professores, você imagina fazer o horário desse pessoal todo, né? E tinha aquelas figuras tradicionais, como o professor Sangiorgi, de Matemática, o professor Joel Martins, de Psicologia da Educação, que determinavam “Eu só quero no período da manhã, de terça-feira e quinta-feira”. Então você imagina fazer um horário com um quebra-cabeça desse, não é?

Ensinar no Curso Normal

O Normal em que trabalhei havia a interdisciplinaridade, o desenvolvimento de consciência crítica em torno de objetivos comuns, um ensino muito diferente daquele em que me formei.

Trazendo a experiência de São José do Rio Preto e com um ótimo corpo de professores, alunos da PUC e da USP, comecei a sensibilizar esse grupo para fazermos um trabalho interdisciplinar. Eu me lembro, por exemplo, que no primeiro ano, em torno da obra de Graciliano Ramos “Vidas Secas”, eu em Psicologia explorava aspectos psicológicos da personalidade dos personagens;

o professor de Geografia fazia o estudo da economia da região. Foi muito interessante.

Nessa equipe da Padre Anchieta tinha o professor de Educação Artística, Afonso Celso, que trabalhou em Rio Claro e falava muito que o que a gente estava fazendo no Normal ele fazia no Ginásio Vocacional. Na Padre Anchieta nós organizamos o estudo do meio para as cidades históricas com o pessoal do Normal, coisa que eles também faziam no Vocacional. Para eles, o estudo do meio era uma das técnicas mais importantes. Falava com tanto entusiasmo, que eu até resolvi concorrer numa seleção que houve em 1966 para trabalhar na Escola Vocacional de Americana. A gente sempre queria fazer assim alguma coisa nova em educação.

Ensinar na Alfabetização de Adultos

Na época, na Universidade, já havia aqueles grupos, JUC – Juventude Universitária Católica* – e a Ação Popular, em que a gente trabalhava com alfabetização de adultos em cima das propostas de Paulo Freire*. Trouxe essa experiência para a Padre Anchieta Formamos um grupo de alfabetização de adultos e nos associamos a um movimento que se chamou MUDE – Movimento Universitário de Desfavelamento. Onde hoje é o Parque São Jorge era uma favela muito grande. Não tinha infra-estrutura nenhuma, calçamento, nada disso. Numa das vielas existiam várias famílias de japoneses, que a gente não encontrava em outras favelas. E aí, com o MUDE, tendo como eixo a alfabetização, começamos a trabalhar com as pessoas. No curso ensinavam alunos da Faculdade de Direito da USP (São Francisco), da Escola Paulista de Medicina, e da Escola Saúde Pública. Numa carroceria de caminhão fizemos o ambulatório, isso em 1965. Enquanto a gente trabalhava com um grupo de alfabetização, tinha que ficar pelo menos um na porta para ver se os “dragões do DOPS*” não chegavam.

Carreira profissional

Em 1966, eu prestei concurso para diretor, naquela época era de Ginásio. Escolhi uma cidade perto de São José do Rio Preto, chamada Clementina. E, ao mesmo tempo, estava concorrendo aqui no Serviço de Ensino Vocacional, que funcionava junto ao gabinete do Secretário. Quem coordenava o serviço era a professora Maria Nilde Mascellani. Passei por entrevista e fui selecionado para ser orientador pedagógico do Ginásio Vocacional de Americana.

Ensino Vocacional

Fui para a entrevista de seleção com a professora Maria Cândida. Quando ela perguntava da interdisciplinaridade, contava o que havia sido feito na Padre Anchieta e ela nem acreditava que numa outra escola pública pudesse estar acontecendo aquilo. No Vocacional a gente pertencia a uma equipe de direção. Era uma dupla de orientadora educacional e orientador pedagógico que cuidava da primeira e segunda série ginásial, outra dupla cuidava da terceira e da quarta série ginásial (o Vocacional era do Ensino Médio – Ginásio e Colégio). Fui orientador pedagógico junto com a professora Cecília Guaraná...

Ensino Vocacional: História

A experiência começou como uma proposta do próprio Secretário da Educação, que era o professor Luciano de Carvalho, que havia conhecido o Centro de Renovação Pedagógica da França (CRPF). Voltou entusiasmado e queria fazer um trabalho de renovação que servisse para todas as escolas do Estado de São Paulo. A professora Maria Nilde Mascellani, que já estava desenvolvendo um trabalho na cidade de Socorro/SP, com classes experimentais, foi convidada para assumir esse trabalho. Foram criadas uma escola aqui no bairro do Brooklin, em São Paulo, que é a Escola Oswaldo Aranha, outras em Americana, em Batatais, em Rio Claro e em Barretos. Você pergunta: “Mas por que, assim, em cidades tão diferentes?” Para possibilitar diferentes experiências. Partiu-se de realidades bem diferentes: São Paulo, um parque industrial; Rio Claro, um entroncamento ferroviário; Batatais, essencialmente agrícola na época; Barretos, voltada para a criação de gado, uma outra realidade. Foi possível ver como a escola traz a realidade, e a intervenção que ela faz na realidade.

Ensino Vocacional: organização, currículo e métodos de ensino

Inicialmente, os alunos ficavam em período integral. Depois, por conta de uma grande crítica que recebemos, que considerava que isso era uma escola privilegiada, nós fomos avaliando e fizemos as alterações. Com o tempo, as aulas passaram a ser divididas em dois períodos. Então, deixou de ser período integral, e sem prejuízo de todas as atividades, de todas as técnicas que a gente utilizava.

O importante do Vocacional era a sua filosofia. Era uma escola voltada para trazer a realidade, a comunidade, para dentro da escola. Era o método dialético*. Através do diálogo, da crítica dessa realidade e da transformação dessa realidade, é que se fazia o verdadeiro desenvolvimento da cidadania. Não era preparar as crianças hoje para serem cidadãos amanhã, a cidadania é um processo.

Crianças de quinta série (primeiro ginásial daquela época), por exemplo, faziam estudo do meio* e detectavam diferentes problemas que a comunidade apresentava: falta de infra-estrutura na saúde, educação. Então se falava: “Bom, como é que poderíamos estar ajudando a transformar essa realidade?” Então a gente, sempre através do diálogo, fazia com que elas apresentassem as propostas de intervenção. Era comum que os da quinta série resolvessem: “Nós temos que fazer um ofício para o prefeito para criar escola lá na Vila Operária”. Aí eu falava: “Será que era o melhor instrumento? Bom, a gente começa por aí...”. Aí algum aluno dizia: “Não, mas a gente tem que, depois de fazer o ofício, assistir à sessão da Câmara para ver se vai ser discutido”. Era o início de intervenção, enquanto cidadão, na realidade, de consciência crítica.

O estudo do meio era o fundamental como pesquisa da realidade. Na primeira série (hoje quinta) nós saíamos para os diferentes setores da comunidade. Americana é um parque industrial, então eles iam a indústrias, perguntavam, questionavam, conheciam a realidade. Como é que surgiu a indústria, o histórico todo. Traziam para dentro da escola, discutiam essa questão do

desenvolvimento do parque industrial. Na série seguinte, comparavam com a industrialização da Capital. Na terceira (hoje sétima), continuavam a abordar a questão, sempre assim. O eixo eram ciclos econômicos, num aspecto bem marxista, sendo a economia a mola propulsora de tudo isso.

O trabalho era todo integrado. O conhecimento era integrado em torno das chamadas unidades pedagógicas. Começava, por exemplo, na primeira série ginásial (hoje quinta série), com conhecimento da comunidade; na Segunda, com o Estado de São Paulo; na terceira, Brasil; e na quarta, o mundo. Mas não em círculos fechados, mas como se fosse em espiral, porque, por exemplo, na quarta (hoje oitava) série, estudando os problemas do mundo, países desenvolvidos e subdesenvolvidos, se discutia como é que isso interfere na nossa comunidade: a comunidade americana é desenvolvida ou subdesenvolvida? Em todos os estudos havia sempre essa dinâmica e essa dialética.

Dentro da unidade pedagógica, o professor de Língua Portuguesa, por exemplo, indicava leituras, o desenvolvimento de hábito da leitura era fundamental. Os alunos liam uma obra a cada bimestre, que era, mais ou menos, a duração da unidade pedagógica, e depois da leitura eles faziam seminários em cima dessas obras. Eu me lembro, por exemplo, numa quarta (hoje oitava) série, um seminário muito bonito. Eles leram Eça de Queiroz, “A cidade e as serras”, e leram Graciliano Ramos ao mesmo, e faziam um trabalho de comparação entre as duas realidades, porque eles estavam estudando o mundo. Em termos de Eça de Queiroz e da realidade mais próxima, Graciliano Ramos, havia um diálogo muito intenso.

Havia o estudo dirigido e o estudo supervisionado. No início eles recebiam, por exemplo, em Matemática, uma bateria de exercícios, e em Língua Portuguesa, um texto e exercícios de interpretação desse texto. Procuravam no dicionário as palavras que não conheciam. Trabalhavam, cada um na sua tarefa, num estudo dirigido. Havia o estudo supervisionado e, mais tarde, quando já tinham uma certa autonomia, faziam pesquisa em torno de certos temas, faziam estudo livre, isso mais no final da quarta série (hoje oitava). Pesquisavam, desenvolviam pesquisa, mesmo, e uma monografia, inclusive.

Havia também o princípio da coeducação. Você não prepara para a vida separando homens de um lado e mulheres do outro. Todas as salas eram mistas.

Ensino Vocacional e Regime Militar

A Escola Vocacional de Americana foi considerada um núcleo de subversão, o que culminou com o fechamento da escola, encerramento da experiência. Nós, da equipe de direção, fomos presos, Maria Nilde também foi presa. Fiquei uma semana preso em Campinas. Para comprovar que era uma experiência educacional subversiva eles pegaram um material que produzimos num estudo do meio: nós tínhamos o acampamento, que era uma forma de vivenciar o contato com a realidade, a natureza, e os alunos tinham que construir os seus

instrumentos. A partir daí se estudava a questão da civilização indígena e tudo isso. Então, quando eles pegaram esse material, disseram que era a preparação para a guerrilha urbana.

Gastamos muito com advogado e só não fomos banidos do país porque o Secretário na época era o professor Eurico Cintra e ele deu certa cobertura. Era considerado um cientista.

Ensino Vocacional: Fim da Experiência

A experiência foi banida no Regime Militar. Mas, mesmo que o regime militar não o fizesse, havia uma crítica e um olhar diferente por parte da política educacional que veio depois.

Eles achavam, primeiro, que era uma escola de privilegiados, quando na verdade não era, e que interferia na democratização do ensino, porque diziam que as nossas classes tinham sempre menos alunos, 30 a 35, quando precisaria colocar 40 ou mais. Nós provávamos que, embora com 30, 35, se comparássemos com a evasão e a reprovação que ocorrem na escola comum, nós não tínhamos esse índice. Se estabelecemos essa comparação, nós éramos mais democráticos que a própria escola comum, mas para aqueles que assumiram a Secretaria da Educação e que nunca entraram numa escola Vocacional a visão era outra.

Se não fôssemos banidos pela ditadura militar, seríamos pela própria política da Secretaria da Educação.

Ensinar no Curso Normal

Aí eu já havia me removido para o Instituto de Educação de Guarulhos, uma escola com 2,7 mil alunos e, por sorte, quer dizer, assim que eu assumi, também assumiu comigo uma orientadora educacional que havia trabalhado na última Escola Vocacional, criada em São Caetano do Sul, na Vila Santa Maria. Era a Ana Maria Quadros, foi como orientadora educacional. A gente tentou trabalhar alguma coisa do Vocacional no próprio Instituto. Fazer alguma coisa para ser uma escola diferenciada. A primeira revolução foi transformarmos todas as classes em mistas. E aí fomos trabalhando com interdisciplinaridade e integração de conteúdos, primeiro com as quintas séries e depois a gente iria continuando com as séries seguintes.

A gente tentou fazer um projeto simples, como fazíamos no Vocacional. Um projeto pedagógico* para a escola, o que a gente queria, quais eram os objetivos, como é que a gente integrava os professores, como fazer essa integração dos conteúdos. Isso foi suscitando o interesse de outras escolas públicas

Educação e Regime Militar

Nós éramos a favor da democratização da escola. o Instituto de Educação de Guarulhos era o único que tinha colegial; então, a gente ampliou o número de classes e isso foi encarado como tendo um maior número de alunos que depois iam sair em passeata reivindicando o ensino superior.

Me lembro, assim, que um dos militares que me interrogou durante o processo (aquele de Americana) perguntava: “E quem que vai trabalhar na roça?”, veja a mentalidade. Então a gente dizia: “Mesmo trabalhando na roça, pode trabalhar com alta tecnologia e com aspecto mais humanizado, até”. Então, eles achavam que essa democratização era assim, nós estávamos provocando a ditadura, porque a gente era a favor da escola pública e da abertura de vagas.

Trabalhar como Inspetor de Ensino

Eu fui convidado para ser inspetor em função desse trabalho no Instituto de Guarulhos, a única escola em que fazia-se planejamento. Então, as outras escolas estaduais queriam saber o que era isso. Então fui convidado para ser inspetor e aí coordenava várias escolas ao mesmo tempo. Depois, prestei concurso para supervisor de ensino.

Estatuto do Magistério

Como, supervisor de ensino, no governo de Franco Montoro, quando iniciou todo o processo de redemocratização, fui indicado pelos colegas e pelos diretores para ser delegado de ensino da região. Como delegado, fui convidado para fazer parte de uma comissão de assessoria ao então Secretário de Educação, que é o atual ministro, professor Paulo Renato Sousa, para elaborar o primeiro Estatuto do Magistério. Então, de novo, estávamos lá: eu, Ana Maria Quadros e todo o pessoal...

O Estatuto ia reger e, de certa forma, provocar alguma mudança também na estrutura e no sistema educacional paulista. Por exemplo, os professores passaram a ter jornada de trabalho com hora atividade, porque era uma crença nossa que se não tivesse esse tempo além das aulas que ele ministrava, se não tivesse um espaço para preparar suas aulas, para ter uma discussão com os colegas sobre conteúdos, e um mínimo de integração, um espaço de discussão, de diálogo, que possibilitasse um crescimento político, ele não teria, inclusive, nem o compromisso com a escola. Tem que ter um trabalho coletivo.

A gente defendeu duas coisas: primeiro, a questão salarial, não é; e segundo, a formação continuada. Eu acredito muito, pela experiência toda que tive como diretor, como supervisor, que não adianta dar cursos isolados: por exemplo, para o professor de Português dar um curso sobre sintaxe. Será que é isso que aquele professor na escola “X” está precisando? Como é que eu posso atuar junto àquele grupo de professores e eles passam a sua experiência para a gente, e juntos vamos verificar o que podemos fazer para melhorar aquela escola, aquela realidade.

Democratização do ensino

Então, com a chamada democratização do ensino, que a gente defendeu muito, com o apoio do professor José Mário Pires Azanha, que era o chefe do Departamento do Ensino Secundário Normal, nós abolimos o exame de

admissão*, necessário para entrar no ginásio. Mesmo na Padre Anchieta, prestava-se um exame de admissão que era rigorosíssimo, em função da seletividade. Então, a gente iniciou esse processo de democratização. De início, onde era Grupo Escolar ele abriu o Ginásio vespertino e noturno. Houve uma superlotação dos prédios, só que nós também não tínhamos um número suficiente de professores preparados para estar assumindo essas novas salas. Então, junto com isso começou a democratização do ensino superior, a abertura de faculdades privadas. Numa sala com 120 alunos, formavam-se os professores de Língua Portuguesa, ou de História, ou de Geografia, Numa forma aligeirada, esses professores começaram a assumir essas classes e formou-se um círculo vicioso.

Trabalhar na Formação de Professores

Hoje, na Faculdade onde trabalho, nós assumimos, a partir da resolução 2 do Conselho Nacional de Educação: formar professores nas áreas onde há falta de professores – Geografia, Física, Química e Matemática. Nós abrimos cursos de Química e Matemática, e é um programa muito interessante, porque é para bacharéis de outras áreas. Vem, por exemplo, um que é engenheiro para fazer Matemática, e ele tem um ano de toda a formação pedagógica. Trabalhamos de forma integrada, planejada. Ele tem a parte específica, que são os conteúdos de Matemática, e lá nós trabalhamos a parte pedagógica.

O cidadão que a escola deve formar

Tem que ser sujeito ativo aí nesse processo histórico, tem que ser crítico, e isso tem que ser estimulado desde o primário. O aluno tem que ser estimulado a perguntar, e o professor tem que saber trabalhar o diálogo. Nós encontramos hoje, ainda, muitos professores que temem o diálogo, que quando o aluno pergunta, ele acha que é um aluno que atrapalha a aula. Então, no momento atual em que estamos vivendo, não é entrar de peito numa guerra (dos Estados Unidos contra o Afeganistão) que não é nossa, que pode até ter interferência aqui. Como é que ela é trazida para dentro da sala de aula, e isso tem de ser discutido. Ontem, por exemplo, eu ouvi no elevador da Faculdade uma coisa que eu achei absurda: dois rapazes subindo e um falou para o outro: “É, você viu, o Brasil vai convocar 5 mil”, e o outro falou: “Ah, se convocar vou me inscrever!” Que consciência tem esse jovem, que já está numa Faculdade, que consciência crítica? Eu acho que tem que ser crítico, atuante, se a educação é um processo, tem que ser subversivo mesmo, subverter a ordem das coisas no termo, no sentido mais positivo. Era o que nós fazíamos.

Futuro da Educação

Eu acho que, vinculado a esse processo, o que a gente não perdeu nunca é esperança. Então acho que a esperança tem que caminhar junto, acreditar que ainda podemos estar construindo essa cidadania crítica, participativa, no sentido de estar formando uma nova sociedade, mais justa, mais humana, apesar de que esse mais justo e mais humano está até desgastado. Todo mundo fala mas pouco faz, isso implica em ação.

Depoimento editado por Zilda Kessel em março de 2002

Glossário

Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS)

Criado em 1924, como ferramenta de controle dos movimentos sociais considerados perigosos para a ordem nacional – entre eles o anarquismo e o sindicalismo –, o DOPS ficou sendo posteriormente o lugar para onde os presos políticos eram levados durante a ditadura militar (após 1964), para serem interrogados, torturados e, em muitos casos, mortos pelo sistema autoritário que regia o país.

Uma série de personalidades, nas mais diversas épocas, ficaram sob os olhos do Departamento, como a cantora Elis Regina, os escritores Monteiro Lobato e Oswald de Andrade, a artista plástica Anita Malfati, a militante e escritora Patrícia Galvão, a apresentadora Hebe Camargo e o Cardeal D. Paulo Evaristo Arns.

O edifício que abrigou o DOPS a partir de 1935 havia sido originalmente projetado em 1914, por Ramos de Azevedo, para ser uma estação ferroviária..

Fontes:

- www.uol.com.br/amcc/pgm/34.htm
- www.aduem.org.br/revista/revista_dops.htm

Eça de Queirós

José Maria de Eça de Queirós nasceu em 25 de novembro de 1845, em Póvoa do Varzim, Portugal, e faleceu em 16 de agosto de 1900, em Paris. Filho do magistrado José Maria de Almeida Teixeira de Queirós e de Carolina Pereira de Eça, teve como lar, durante toda a infância e a adolescência, a casa dos avós paternos, onde permaneceu até o falecimento deles. Realizou os primeiros estudos na cidade do Porto, concluindo-os em Coimbra, onde se formou em Direito em 1866.

Após concluir o curso de direito, parte para Lisboa, para colaborar com uma série de folhetim na “Gazeta de Portugal”. Em Évora, como diretor e redator de um jornal de oposição ao governo, o “Distrito de Évora”, põe à prova os seus dotes de escritor. Voltando à capital, entra no grupo do Cenáculo e viaja para o Oriente, trabalhando na cobertura jornalística da inauguração do Canal de Suez, o que introduziu nos seus horizontes culturais novas realidades que viriam a alterar seu modo de escrever.

Depois de ter exercido o cargo de Administrador do Conselho de Leiria, onde permaneceu de julho de 1870 a junho de 1871, quando foi exonerado, tomou parte nas Conferências do Cassino Lisbonense. Durante esse período, escreveu *O Mistério da Estrada de Sintra* e participou do concurso para o Ministério dos

Negócios Exteriores. Passou em primeiro lugar, mas sua nomeação só aconteceu dois anos depois por questões políticas. Foi diplomata em Havana (1873), Bristol (1878) e Paris (1888), onde veio a falecer.

Prosador por vocação, deixou grandes obras, como: *O Mistério da Estrada de Sintra*, 1871; *O Crime do Padre Amaro*, 1875; *O Primo Basílio*, 1878; *Os Maias*, 1888; *A Ilustre Casa de Ramires*, 1900; *A Cidade e as Serras*, 1901; *A Capital*, 1925.

O estilo de Eça de Queirós evidencia sua cosmovisão, a animização das coisas, a materialização de estados psíquicos, a objetividade deformada, e emprega uma realidade cuja estrutura material parece estar em constante trânsito.

Fonte:

- MOISÉS, Massaud. *Pequeno dicionário de literatura portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 1981.

Escola Caetano de Campos

Ao longo de sua trajetória, essa escola, cuja origem e desenvolvimento vincula-se à difusão dos ideais liberais de secularização e expansão do ensino primário, mudou várias vezes de nome e de edifício, e sofreu alterações em seu currículo. A trajetória da Escola Caetano de Campos pode ser dividida em três períodos, numa seqüência cronológica. O primeiro, que se inicia com a instalação da Escola Normal, em 1846, vai até a inauguração do seu prédio próprio, na Praça da República, em 1894. O segundo período abarca sua trajetória desde a inauguração do prédio próprio até a tentativa de demolição do edifício, na década de 1970. O terceiro e último período é marcado pela reação contra a demolição de seu prédio, e sua descaracterização ao ser desmembrada em duas escolas, que passaram a funcionar em dois novos endereços.

Fonte:

- www.crmariocovas.sp.gov.br

Estudo do meio

Atividade realizada fora da sala de aula, colocando o aluno em contato com uma realidade específica. Dela participam alunos e professores de diferentes disciplinas, que se propõem a estudar um “meio”, isto é, uma realidade qualquer, como, por exemplo, uma cidade, um bairro, indústrias, etc.

Fonte:

- MASETTO, Marco T. *Didática: a aula como centro*. São Paulo: FTD, 1997.

Exame de admissão

Exame destinado a testar o aluno para comprovar se este estava apto a passar para o próximo nível ou série. Os exames de admissão eram largamente empregados na época em que o ensino fundamental de 1ª a 8ª série era dividido em primário (1ª a 4ª) e ginásio (5ª a 8ª). O exame de admissão era aplicado ao aluno que havia concluído a 4ª série primária, a fim de verificar se estava apto a prosseguir na 5ª série, ou primeira do ginásio.

Fonte:

- AZANHA, José Mário Pires. *Educação: alguns escritos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.

Fernando de Azevedo

Educador, crítico, ensaísta, sociólogo, administrador, jornalista e escritor. Nasceu em 1894, na cidade de São Gonçalo do Sapucaí, estado de Minas Gerais.

Foi redator e crítico literário do jornal “O Estado de São Paulo” (1923 a 1926), onde organizou e dirigiu um inquérito sobre Educação Pública em São Paulo, abordando os problemas fundamentais do ensino de todos os graus, iniciando uma campanha por uma nova política de educação e pela criação de universidades no Brasil.

Durante sua gestão como Diretor Geral da Instrução Pública do Distrito Federal (Rio de Janeiro à época) projetou, defendeu e implementou uma reforma no ensino primário, secundário e normal, das mais radicais que se empreenderam no país.

Entre inúmeras atividades exercidas e participações em movimentos destaca-se sua participação no movimento da chamada “Nova Escola”. Foi redator e primeiro signatário do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova em 1932, em que se lançaram as bases e diretrizes de uma nova política de educação.

Participou da fundação da Universidade de São Paulo (USP) em 1934, da qual foi um dos planejadores e o primeiro ocupante da cadeira de Sociologia.

Foi membro da Academia Paulista de Letras e da Academia Brasileira de Letras e autor de uma vasta, notável e premiada obra.

Fontes:

- Fundação Biblioteca Nacional (www.psg.com/~walter/azevedo.html)
- Academia Brasileira de Letras (www.academia.org.br/cads/14/fernando.html)
- Arquivo Fernando de Azevedo (www.ieb.usp.br/fernandoa.html)

Graciliano Ramos

Considerado um dos mais importantes escritores do moderno romance brasileiro, Graciliano Ramos nasceu em Quebrangulo, Alagoas, em 1892. Filho de comerciante, viveu em cidades do interior do seu Estado natal e de Pernambuco, e não chegou a concluir os estudos formais. Mudou-se para o Rio de Janeiro, em 1914, onde trabalhou em um jornal. No ano seguinte, retornou a Alagoas, indo instalar-se na cidade de Palmeira dos Índios. Foi presidente da junta escolar e, mais tarde, prefeito municipal. Nesse período, concluiu o seu primeiro romance, *Caetés* (1933). Após renunciar à Prefeitura, mudou-se para Maceió, onde permaneceu até o ano seguinte, quando retornou a Palmeira dos Índios, fundou uma escola e concluiu outro romance, *São Bernardo* (1934).

Em 1936, devido a suas posições políticas contrárias à ditadura vigente, o escritor foi preso e deportado para o Rio de Janeiro. Depois de libertado, fixou-se definitivamente nessa cidade, e passou a se dedicar à imprensa. Após a queda da ditadura Vargas, em 1945, Graciliano Ramos ingressou no Partido Comunista. Em 1952 foi eleito presidente da Associação Brasileira de Escritores. Faleceu no Rio de Janeiro, em 1953.

A obra de Graciliano Ramos se caracteriza fundamentalmente pela linguagem concisa, sintética, reduzida ao essencial. *Vidas Secas* é considerada sua obra-prima, além de ser uma das mais notáveis obras de todo o Modernismo e mesmo de toda a literatura brasileira.

A preocupação com os problemas sociais do povo brasileiro, especialmente do nordestino, é um traço marcante dessa obra, na qual se encontra um perfeito retrato do sofrimento do povo pobre do Nordeste. Seus romances mais importantes são: *São Bernardo* (1934), *Angústia* (1936) e *Vidas Secas* (1938). Escreveu também memórias: *Infância* (1945) e *Memórias do Cárcere* (1953). Contribuiu com a literatura infantil, escrevendo *A Terra dos Meninos Pelados* (1941) e *Histórias de Alexandre* (1944).

Fontes:

- Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira (verbete: Ramos, Graciliano). São Paulo: Cultrix, s/d.
- Enciclopédia de Literatura Brasileira - vol. I (verbete: Ramos, Graciliano). Rio de Janeiro: Ministério da Educação; Fundação de Assistência ao Estudante, 1990.

José de Alencar

José Martiniano de Alencar, cearense de Mecejana, nasceu em 1º de maio de 1829, numa família tradicional que participava da política do Império – seu pai, por exemplo, foi Senador.

Formou-se em Direito em São Paulo, e se mudou para o Rio de Janeiro, onde começou sua carreira literária escrevendo para jornais cariocas. Foi poeta, romancista, dramaturgo, crítico literário, jornalista e político.

Seus romances nacionalistas refletem o orgulho que tinha de seu país. Sua temática preferida, o sertão, foi fruto de uma viagem que fez aos nove anos, do Ceará à Bahia, pelo interior, onde tomou conhecimento da vida do sertanejo.

Seguindo os passos do pai, iniciou carreira política em 1861, e foi eleito quatro vezes deputado pelo Ceará.

Em 1876, viaja à Europa para tratar da saúde. Retira-se da vida pública em 1877, gravemente enfermo. De volta ao Rio de Janeiro, falece em 12 de dezembro de 1877.

Obras: *Cinco Minutos*, 1856; *A viuvinha*, 1857; *O guarani*, 1857; *Lucíola*, 1862; *Iracema*, 1865; *O tronco do ipê*, 1871; *A pata da gazela*, 1870; *Ubirajara*, 1875; *Senhora*, 1875, e *O Sertanejo*, 1875.

Fontes:

- Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira (verbete: Alencar, José Martiniano de). São Paulo: Cultrix, s/d.
- Enciclopédia de Literatura Brasileira – vol. 1 (verbete: Alencar, José de). Rio de Janeiro: Ministério da Educação; Fundação de Assistência ao Estudante, 1990.
- Larousse Cultural – Brasil Temático (verbete: Alencar. In: Arte, Educação e Cultura). São Paulo: Nova Cultural, 1995.

Juventude Universitária Católica (JUC)

Movimento de estudantes universitários com forte atuação social na década de 60, a Juventude Universitária Católica foi extinta em 1967. Criada como um dos setores da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), através da JUC muitos leigos, professores e estudantes universitários tornavam possível a presença da Igreja no mundo da universidade, por meio de grupos estruturados em torno da partilha de vida, oração, estudos, reflexão e ação política, evangelizadora e pastoral.

Fontes:

- www.imconsolata.org.br
- www.fatea.br/pu_cnbb.htm

Machado de Assis

Joaquim Maria Machado de Assis é considerado o maior expoente da literatura brasileira e um verdadeiro clássico do idioma. Nasceu no morro do Livramento, no Rio de Janeiro, em 21 de junho de 1839. Mulato, filho de um pintor de

paredes, ficou órfão de mãe muito cedo, e sequer chegou a conhecê-la. Foi criado pela madrasta, uma lavadeira portuguesa dos Açores. De família muito pobre, fez as primeiras letras na escola do bairro. Depois de passar por vários empregos menores, ingressou como aprendiz de tipógrafo na Imprensa Nacional, e em seguida transferiu-se para a Livraria e Tipografia Paula Brito, como revisor e caixeiro. A livraria era ponto de encontro de escritores e intelectuais, e foi onde Machado de Assis fez os primeiros contatos no universo das letras. Autodidata, aproveitou a proximidade das grandes obras da livraria onde trabalhava e passou a estudá-las.

De 1855 a 1861 escreveu no periódico “A marmota fluminense” e iniciou sua produção literária em poesia.

Casou-se em 1869 com a portuguesa Carolina Augusta Xavier de Novais, com quem viveu até o fim dos seus dias.

Publicou seu primeiro livro de contos, *Contos Fluminenses*, em 1870, e o primeiro romance, *Ressurreição*, em 1872. Atingiu a glória de sua carreira literária em 1881, com o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Em 1896, fundada a Academia Brasileira de Letras, Machado de Assis é eleito seu primeiro presidente, cargo em que permaneceu até sua morte, em 29 de setembro de 1908, aos 69 anos.

Fontes:

- Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira (verbete: Assis, Joaquim Maria Machado de). São Paulo: Cultrix, s/d.
- Enciclopédia de Literatura Brasileira – vol.1 (verbete: Assis, Machado de). Rio de Janeiro: Ministério da Educação; Fundação de Assistência ao Estudante, 1990.
- Larousse Cultural – Brasil Temático(verbete: Assis. In: Arte, Educação e Cultura). São Paulo: Nova Cultural, 1995.

Método Dialético

Método de ensino que utiliza o diálogo como principal recurso. O ensino preconizado por esse método parte da escolha de um tema a ser discutido, elaborando-se possíveis soluções, e tendo como meta final o desenvolvimento da cidadania.

Fontes:

- FARIA, Beatriz Viégas. *Dicionário de alfabetização* – vocabulário de leitura e escrita. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- MASETTO, Marco T. *Didática: a aula como centro*. São Paulo: FTD, 1997.

Método Paulo Freire

Desenvolvido para alfabetização de adultos, como um roteiro de trabalho pedagógico de um sistema de educação do homem do povo. Paulo Freire afirmava que: “Ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho. A educação deve ser um ato coletivo, solidário – um ato de amor”.

No desenvolvimento desse método, o grupo de alunos a ser alfabetizado é chamado de **círculo de cultura**. A primeira tarefa após sua formação é o levantamento das palavras, feito por meio de uma pesquisa chamada de “*levantamento do universo vocabular*”; “*descoberta do universo vocabular*”; “*pesquisa do universo vocabular*”; e/ou “*investigação do universo temático*”. Dessa pesquisa serão escolhidas as chamadas “**palavras geradoras**” segundo três critérios: sua riqueza fonética; as dificuldades fonéticas da língua e a densidade pragmática do sentido da palavra. As *palavras geradoras* são instrumentos que, durante o trabalho de alfabetização conduzem os debates que levam à *compreensão do mundo*. Quando houver interesse em provocar debates mais profundos, para que seja realizado o processo chamado pelos educadores de alfabetização funcional são escolhidos os *temas geradores*.

Fonte:

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. “*O que é método Paulo Freire*”. São Paulo: Brasiliense, 1981 (Primeiros Passos).

Métodos Tradicionais

Os chamados métodos tradicionais de alfabetização, tanto o sintético quanto o analítico, partem do pressuposto de que a criança nada sabe a respeito da língua quando inicia o processo de alfabetização na escolar regular.

Os defensores do método sintético partem do pressuposto de que a aprendizagem da leitura e da escrita é um processo mecânico. Segundo esse método, para o processo de alfabetização, deve-se partir de elementos menores que a palavra, com fonemas, letras e sílabas. Os processos sintéticos iniciam a alfabetização fazendo correspondências entre sons e letras, oral e escrita. A ênfase na análise auditiva, que ocorre no processo fonético, transforma a aprendizagem inicial da leitura e da linguagem oral. Esse processo concebe a leitura como codificação, ou seja, transcrição de unidades sonoras em unidades gráficas. Assim sendo, consideram essencial para a alfabetização a descrição perceptiva, tanto visual quanto auditiva, e a habilidade motora.

Os processos analíticos se preocupam com a coerência e o significado do que vai ser lido ou escrito, se restringem a cartilha e não propiciam o uso social da língua escrita.

Tanto o processo analítico como o sintético não permitem a exploração, a escrita de novidades, o uso de palavras que ainda não foram aprendidas, dificultando, por exemplo, que o aprendiz explore e se aproprie do objeto conceitual que é a língua escrita.

Do ponto de vista escolar, nestes métodos, o educando aprende a reproduzir os estímulos apresentados pelo professor. Do ponto de vista conceitual, seu

desenvolvimento é restrito, pois a aprendizagem foi centrada em situações artificiais, dificultando ao aluno o raciocínio e a transferência de seus conhecimentos para outros contextos ou seja, a generalização. As atividades propostas no método analítico e no sintético não dão oportunidades para as crianças testarem suas hipóteses.

Fontes:

- FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

Proposta curricular ou projeto pedagógico

É a previsão e o planejamento de todas as atividades que o educando realizará sob a orientação da escola para atingir os fins da educação. Trata-se de tarefa multidisciplinar, que tem por objetivo a organização de um sistema de relações dentro de uma ou várias áreas do conhecimento em sua forma didática, de tal forma que se favoreça ao máximo a aprendizagem.

Fontes:

- MASETTO, Marcos T. *Didática: a aula como centro*. São Paulo: FTD, 1997.
- MARTINEZ, Maria Josefina; LAHORE, Carlos E. *Planejamento escolar*. São Paulo: Saraiva, 1981.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.